

## **Caminhos para novos horizontes críticos**

*Débora Leite David<sup>1</sup>*

Com o surgimento das literaturas nasceu também a tendência para compará-las, apreciando o mérito de cada uma. Essa inclinação aperfeiçoou-se até meados do século XIX quando as universidades francesas sistematizaram uma nova disciplina denominada Literatura Comparada. O termo “literatura comparada” surge nesse período em meio à consolidação das fronteiras nacionais e à ampla discussão sobre cultura e identidade nacional por toda a Europa, e por isso, está intimamente ligada à política, adotando o conceito da “influência”, que permanecerá até a primeira metade do século XX como instrumento teórico e de orientação para os estudos comparatistas. Deste modo, caracterizou-se como disciplina autônoma cujo objeto era estudar as relações entre as diversas literaturas, apontando as características transmitidas de uma para outra. A partir da década de 1950 surgem críticas ao modelo francês de comparatismo que se apresentava como internacional, vinculado à História e calcado no conceito de “nacionalidade”. Em contrapartida os teóricos periféricos propõem um novo modelo para o comparatismo que seja supranacional, e que esteja ligado às questões da Literatura, da crítica e da teoria literária. O século XX foi marcado por críticas ao comparatismo e inúmeras novas propostas à delimitação do campo da Literatura Comparada, todavia, sem nenhuma resposta bastante para a sua definição, restando somente a certeza da falência do comparatismo tradicional eurocêntrico.

A íntima ligação da Literatura Comparada com aspectos sociais e políticos desde a sua consolidação no decorrer do século XIX, ocasião em que a disciplina foi mantida em estreito contato com os debates em torno da cultura e da identidade nacionais representa importante característica responsável pela evolução dessa disciplina. Por isso, as profundas e múltiplas mudanças sociais, políticas e econômicas que abalaram o mundo durante o século XX promoveram a necessidade de novos instrumentos teóricos e críticos que fossem

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. **Pesquisa:** O desencanto utópico ou o juízo final: Um estudo comparado entre "A costa dos murmúrios", de Lídia Jorge e "Ventos do apocalipse", de Paulina Chiziane. **Email:** dleitedavid@uol.com.br

suficientes para o desenvolvimento e fundamentação do comparatismo, surgindo diversas linhas de pensamento crítico para abarcar sutilezas nos mais diferentes contextos como aqueles encontrados nas literaturas latino-americanas ou africanas de língua portuguesa, por exemplo.

A partir da perspectiva da necessidade de um olhar crítico determinado pelo lugar de onde se fala e o distanciamento desse olhar com o uso de critérios próprios de valor, e como resposta à falência anunciada do comparatismo tradicional, recebemos no cenário da crítica literária brasileira a reedição da obra *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*, de Benjamin Abdala Júnior, docente de pós-graduação na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Neste livro, publicado pela primeira vez em 1989, o autor procura estabelecer novas bases críticas para a circulação literária entre os países de língua portuguesa. As articulações supranacionais são motivadas inicialmente pelo estudo comparativo entre os escritores Carlos de Oliveira, Graciliano Ramos, Alves Redol, José Cardoso Pires e Manuel da Fonseca. Estes autores, rotulados de forma inapropriada, em Portugal como neo-realistas, mas que eram anti-salazaristas, com inclinação para o marxismo, e no Brasil como pertencentes à Geração de 30, denominados regionalistas, têm uma formação comum na atmosfera ideológica da frente popular antifascista, do período entre as guerras mundiais, cujas produções continuaram, depois, acompanhando as polarizações ideológicas da guerra fria. Ainda corroborando a busca por bases para uma literatura comparada descolonizada, vieram os estímulos da revolução dos Cravos e da independência dos países africanos de língua oficial portuguesa, que tornaram Portugal e os países africanos descolonizados em horizontes libertários, extremamente representativos para a realidade repressora da ditadura militar brasileira.

Apesar das motivações que fortaleciam uma nova perspectiva crítica, o autor apresenta-nos os enfrentamentos que permearam seu caminho para um horizonte crítico capaz de abarcar as realidades e as identidades contidas na comunidade supranacional de língua portuguesa. Além da visão mítica arraigada de um Portugal agrário, construída na perspectiva de um imaginário tradicional, próximo das idealizações dos imigrantes portugueses provenientes de regiões rurais, o que não figurava nas obras neo-realistas, houve também o enfrentamento de ordem teórica tendo em vista que as tendências tradicionalistas da Literatura Comparada desconsideravam estudos feitos numa mesma língua. Interessava ao estudo comparado apenas a circulação literária desencadeada por

quem podia impor seu poder simbólico, a partir do estatuto colonial, e este não era o caso de Portugal, submetido à hegemonia de outros centros europeus. O autor procurou, outrossim, enfatizar a necessidade de estudar as circulações internas e as articulações supranacionais que se faziam no âmbito do comunitarismo cultural em língua portuguesa. Deste modo, foi possível engendrar um novo comparatismo guiado pelas articulações de solidariedade entre os atores de um campo intelectual supranacional, contemplando as redes de circulação processadas historicamente na ambiência de nossa comunidade lingüística.

Desenvolvendo estas reflexões para o estudo consagrado ao engajamento do escritor, o autor avança a discussão para questões críticas mais gerais no âmbito desse comparatismo supranacional, embalado pela utopia libertária. Ressalta nesse sentido, e a título de ilustração, um comentário do crítico cubano Luís Fernando Retamar, que afirmava gostar de alguns críticos europeus que, de maneira simpática, diziam que o Caribe era o Mediterrâneo americano. No entanto, Retamar dizia que ficaria muito mais satisfeito se eles viessem dizer que o Mediterrâneo era o Caribe europeu. Nesse passo, o autor torna possível vislumbrar uma comunidade cultural ibero-afro-americana que tem por elemento principal a criouldade, marca visível da mistura existente numa figuração, a princípio, abstrata do sujeito híbrido, mas potencialmente realizável através de uma perspectiva “crioula”. E, através do conceito de ecologia cultural, formulado no livro, o autor propõe a discussão das interações sempre renováveis de matérias e campos discursivos diversos, que marcam a bacia cultural ibero-afro-americana. Sendo que, por ecossistema entende uma produtiva coexistência contraditória de pedaços de culturas diferentes, em processos contínuos de tensões, interações e mesclagens. Logo, como um ecossistema híbrido e aberto, que não se afina à previsibilidade homogeneizada dos produtos globalizados e nem às construções cristalizadas e essencialistas, imaginadas por quem pode impor seu poder simbólico.

Em face da assimetria dos fluxos globalizadores, o autor reitera a importância de se empreender laçadas comparatistas pela América Latina e pelos países de língua portuguesa e espanhola, e assim, dentro de uma unidade naquilo que temos de diferente, uma alteridade mestiça com motivações próprias de cada país, estabelecer a busca por novos caminhos, apontando para um devir comum, sem a tutela étnica eurocêntrica.

**Dados de publicação:**

Benjamin Abdala Jr. *Literatura, história e política: Literaturas de língua portuguesa no século XX*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.